

AÇÃO DIRETA

QUINZENÁRIO ANARQUISTA

Diretor: Prof. SERAFIM PORTO

Administrador: MANOEL PERES

ANO II

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 8 de Agosto de 1947

Preço: Cr\$ 0,50

N.º 39

Figuras do Anarquismo



ERRICO MALATESTA

Nascido em Itália, nos meados do século passado, Errico Malatesta abraçou, ainda estudante, as idéias libertárias, seduzido pelo extraordinário mago da Revolução, Bacúnine. Como a dêste, sua vida foi toda consagrada à emancipação humana. Perseguido e preso em vários países, onde a causa dos trabalhadores o reclamava, só a morte pôs fim, em 1932, à sua atividade assombrosa. Mussolini, aquele o velho agitador, apesar dos seus noventa anos, perturbava a digestão e o sono, manteve-o, desde o advento do fascismo, prisioneiro em sua casa, cercada esta por um denso cordão de polícia, que o impedia inclusive de receber visitas. Seus numerosos folhetos, de entre os quais "Entre camponeses", "Em vésperas de eleições" e "No café", são das mais belas exposições do anarquismo, tendo sido editados por milhões em todas as línguas e países.

Entre dois Fogos

Novamente as forças da reação capitalista-estatal preparam uma hecatombe guerreira. E' incrível que não se haja feito a humanidade da última carnificina e já se encontre novamente entre dois fogos.

Os chacais militaristas preparam patrioticamente nova chacina. A paz e a liberdade demagogicamente prometidas na carta do Atlântico, o mundo melhor de após-guerra, resumem-se para os políticos, para os cavalheiros de indústria e para todos os mistificadores da questão social, em uma nova hecatombe! Novamente nos falam sem o menor pudor, de um mundo melhor, de paz e liberdade, enquanto, nos bastidores da diplomacia internacional, preparam fria e calculadamente a nova matança. De um lado, o imperialismo anglo-iânqui; do outro, o imperialismo soviético, e, entre os dois chacais, a Humanidade escrava e sofredora.

A medida que transcorrem os dias, concretizam-se as aspirações de domínio dos dois bandos em pugna. Succedem-se as conferências e em todas elas emerge o espectro da guerra. Nova-Iorque, Paris e, proximo, o Rio-de-Janeiro atraem a atenção do mundo. E' que nessas cidades se realizam, com pompas, banquetes e orgias, as conferências, onde se dividem, uma vez mais, as nações, enquanto a humanidade se debate entre a vida e a morte, passando por todas as privações imaginárias, fazendo filas intermináveis para poder adquirir apenas o suficiente para prolongar sua agonia.

Entretanto, ouvimos novamente os cantos das sereias imperialistas. O bloco anglo-iânqui fala-nos de democracia; promete-nos que, se morremos pela sua causa, haverá liberdade, adverte-nos do perigo totalitário, etc. O bloco soviético fala-nos de comunismo, de ditadura-do-proletariado, etc., etc. No afã de conseguir aliados, uns e outros não se detêm ante os meios mais repugnantes! As "democracias" sustentam a Hiroito, o intangível imperador do Japão, ao qual concedem honrarias, indo até o ponto de afirmar que aquele a quem antes chamaram o verdugo do povo japonês se está democratizando; fazem a corte ao nazista Perón e mandam petróleo a Franco. Salvam a vida de quantos nazi-fascistas façam profissão de fé democrática e procuram ganhar as graças do poder mais brutal que registrou a história: o Vaticano. Os comunistas namoram igualmente Perón, que apoiam em sua campanha contra os que não se submetem à sua ditadura parlamentar, e votam a favor do Vaticano na constituinte italiana.

Entr'esses dois chacais, encontra-se a humanidade.

Até quando os trabalhadores manuais e intelectuais nos submetemos a tão desapidado regime? Até quando vamos assistir, impassíveis, à repetição dos crimes de um sistema falido? Será que não compreendemos que, se não nos rebelamos, seremos vítimas, uma vez mais, dos histriões da questão social?

A guerra moderna não faz vítimas somente nas trincheiras. A aviação,

a bomba atômica e todos os novos procedimentos técnicos oferecem ao homem que medita um pouco um quadro aterrador. E' preciso que se unam todas as vontades libertárias para a luta, sem trégua nem quartel, contra a guerra, a exploração do homem pelo homem e o embrutecimento religioso!

Os que amamos a liberdade devemos batalhar sem desfalecimento contra o clero, o militarismo, os políticos e contra essa síntese de todos os males sociais que é o Estado. Devemos gritar bem alto: Não queremos "V" democrático nem "foice e martelo", mas sim uma verdadeira revolução social, que ponha termo de uma vez por todas ao Autoritarismo, causa fundamental de todas as injustiças!



ENTRE OS FOGOS DOS DOIS IMPERIALISMOS QUE PREPARAM A TERCEIRA GRANDE GUERRA — A HUMANIDADE SOFREDORA.

Bakúnine, em seu escrito *Estatismo e Anarquia*, de 1873, afirmava: "O Estado moderno é necessariamente, por sua essência e objetivo, um Estado Militar. Por sua vez, o Estado Militar se converte também, necessariamente, em Estado conquistador, porque, se não conquista, é conquistado, por isso que onde reina a força não pode suceder que tal força não atue e se mostre. Por conseguinte, o Estado moderno deve ser absolutamente um Estado enorme e poderoso: é a condição fundamental de sua existência".

Em mais de um ponto sustenta ele a impossibilidade de haver dois Estados poderosos concomitantemente, sem irem à guerra; mas, como para impedir a invasão de um Estado poderoso só outro Estado poderoso, resulta que, enquanto houver Estado, haverá invasões e haverá guerra. Por isso, nasceu o Estado prussiano e, logo depois, o Estado alemão, liga dos principados alemães, para enfrentar o Estado francês de Napoleão. Mas, esse Estado prussiano logo se tornou megalomaniaco e criou o pangermanismo. "Assim, afirma Bakúnine, para opor-se no terreno estatista e político ao pangermanismo triunfante, só resta um meio: a fundação de um Estado panslavista".

Consequência, ainda segundo Bakúnine, desse Estado militar poderoso e ditatorial, é a burocracia, por haver a suprema necessidade da centralização. "A força estatista, discorre ele, exige absolutamente a centralização. Citam-me os exemplos da Suíça e Estados-Unidos. Pois bem, justamente a Suíça, querendo aumentar suas forças militares e estatistas, aspira atualmente e abertamente à centralização. A federação tem sido possível, até agora, na América do Norte pela simples razão de que, no continente americano, na proximidade da grande república,

A Lei de Segurança

não existe nenhum Estado poderoso e centralizado, como a Rússia, a Alemanha ou França".

Ora, os grandes navios e sobretudo o aeroplano a hélice e, agora, a jacto aproximaram enormemente os Estados. O pangermanismo foi liquidado em duas guerras; mas, essas duas guerras aproximaram os Estados Unidos da Rússia panslavista.

O conflito dos dois Estados explodiu na O.N.U., embora fosse esta constituída para assentar a definitiva paz do mundo e selar, de uma vez, a era das guerras.

Os interesses de expansão se defrontaram na O.N.U., acirrados pelas ambições políticas, não a sucapa, senão ostensivamente. A Rússia recusa sistematicamente qualquer proposta anglo-americana. Ingleses e americanos não aceitam, quase nunca, as contrapropostas russas.

Resultado: longe de promoverem o desarmamento geral, os dois Estados hipertrofiados se afinam, aberta ou clandestinamente, em preparativos bélicos tremendíssimos.

A Rússia não se limita às recusas na O.N.U. Deflagrou em todos os rincões do mundo, em seus jornais e nos jornais dos partidos comunistas, uma sistemática e violenta campanha contra o governo norte-americano.

Os Estados Unidos, vendo recusados os acordos, e não querendo, por sua vez, ceder às exigências russas, tratam de barrar os passos ao totalitarismo russo, às suas tentativas hitlerianas dos fagos consumados e, por isso, sustenta, nos pequenos Estados, as fações anticomunis-

tas. Arma por isso a Grécia e a Turquia, sustenta Franco na Espanha e o papa na Itália.

Ao mesmo tempo, vai procurando liquidar o partido comunista e os comunistas onde pode. Tirou-os do governo em França e Itália e vai dando caça a esses consumados totalitários e meserupulosos, onde quer que os tenha à mão.

Ora, o Brasil, país satélite, gira na órbita americana e dela não se pode safar, de jeito algum, dada a incuria e inépcia dos seus dirigentes.

Diante do Estado centralizado e antiliberal russo, ameaçador e enigmático, a Federação Americana, de Constituição democrática, liberal, se vê forçada a centralizar-se, burocratizar-se, militarizar-se e, portanto, a forjar leis de exceção. As leis de exceção caracterizam os Estados fortes tendentes a conquistadores.

O Estado Russo é um Estado cuja constituição já por si mesma é uma lei de exceção. Tudo ali está em função da hipertrofia estatal, cuja feição mais típica é sempre o militarismo ultracentralizador. Os Estados Unidos, para obviar às arremetidas do monstro moscovita, concentram e tumefazem suas forças e promulgam leis de segurança contra o inimigo externo infiltrado em sua própria casa.

A doutrina de Bakúnine confirma-se.

Era absolutamente certo que, no Brasil, por imposição americana, a "lei de segurança", com este nome ou outro, viria. Quase certo é que virá dêste ou daquele modo, por um pretexto real ou fictício. A que veio, engati-

lhada aparentemente só contra a Rússia, tem os requintes vivos de um fascismo em marcha acelerada. O vidente Bakúnine definia, em 1873, o Estado russo dêste modo: "Converter-se em Estado invasor significa ser obrigado a manter em tutela forçada grande número de milhões de seres de um povo estrangeiro. E' necessário, pois, pôr em pé uma grande força militar. Porém, onde triunfa o poder militar, adeus liberdade! Sobretudo, adeus liberdade e prosperidade do povo trabalhador! Deduz-se, portanto, que a criação de um grande Estado eslavo não significa outra coisa que instaurar-se uma densa escravidão do povo eslavo".

A realidade presente confirma a previsão. Logicamente, podemos concluir: "A criação de um poderoso Estado norte-americano acolitado por outros estados da América militarizados redundará no cerceamento gradativo de todas as liberdades até chegar à escravização pura e simples dos cidadãos, mormente dos trabalhadores".

As leis recentes norte-americanas contra as greves e cheias de ameaças ferozes contra os mineiros são mero pano de amostra. O resto virá com redobrados arrochos. Quem viver verá!

Nossa lei de segurança é mero reflexo das medidas iniciais da rígida ofensiva planeada pelo estado-maior americano contra a Rússia.

Brigam os nobres e apanham os pobres! — diz o rifão. Enquanto os pobres não compreenderem que as desgraças da humanidade decorrem todas de haver nobres, dos nobres pelo sangue ou pelo dinheiro.

O remédio? Acabar com os nobres, como ensinamos nós, e só nós, os anarquistas.

José Oiticica

Só a Revolução pode resolver a questão social!

E. MALATESTA

O Desmascaramento

POR GERMINAL

Quem não se lembra daquela campanha de ódio que, durante a guerra, empestou o éter? O trunfo principal, a coroa da velhacaria, foi a célebre "carta do Atlântico". Passou a guerra, e da supimpa carta não sobrou nada. Os autores desmascaram-se e os povos, já nauseados com as mentiras da guerra, enjoaram também essa droga açucarada. Onde estão a paz eterna, a liberdade, a igualdade e o bem-estar de cada um, por eles prometidos? De que serviu o esmagamento do nazismo, se o substituíam por nova tirania, enfiada nos mesmos poderes, com análogos déspotas e idêntica máquina de opressão? Morreram em Monte Castelo nossos irmãos, trabalhadores, e mais sessenta milhões de homens e mulheres, para varrer-se da Terra, ou para eternizar um despotismo invisível, o do Estado? ou para assentar-se um ideal mentiroso, "a carta do Atlântico"? Foram eles sacrificados para que nós, os outros, possamos alcançar liberdade, justiça e bem-estar? ou sucumbiram para conservar-se a escravidão social e a exploração capitalista?

Alemães e japoneses não são mais bárbaros que os outros povos. Foram, de igual maneira, intoxicados com sisudas petas e falsos ideais.

A guerra não é, como afirmam os escribas e serventes do Estado, consequência de instintos bestiais dos homens, senão fruto de profundos antagonismos sociais. Não só a guerra, mas a ruína, a miséria e a decadência após a guerra são corolários do mesmo desajuste fundamental: a exploração de uma maioria produtora por uma minoria locupletada.

Guerra, negócio, pirataria — eis o monstro tricéfalo, que domina o mundo e se chama **capitalismo**. Assim como se agarram na pele de um cão os carrapatos, assim se aferram, no sistema capitalista, os animais do passado e do futuro. E' a internacional do dinheiro, essa internacional de ladrões, a que açula guerras, explora a paz e especula com a vida alheia. Eles, os ladrões, não têm pátria, saqueiam os povos, o seu e os outros, servidos pelos politiquinhos nefastos com seu espantoso sagrado: a pátria. Suas pátrias são algemas de escravizar vivos. Com a onipotência do dinheiro dominam todo o globo, forçam braços a arrancar tesouros do solo, a criar riquezas e mais riquezas, vestindo-se os servos de trapos e recebendo de cultura, arte e educação as migalhas de acepipes caídas da mesa dos fartos senhores sem escrúpulos. Suprema ironia, ainda esses servos têm de defender, com as próprias vidas, a riqueza que lhes não pertence.

Se os negócios vão mal, sai-se o capitalista de outro modo: destrói valores vitais, queima café e trigo, lança ao mar peixe pescado — em terras onde vivem milhões de esfomeados — destrói a maquinaria de fábricas, energias produtivas que o incomoda, cria fascismos para algaroar o povo e, finalmente, fomenta guerras. Sim, a guerra! a salvação! E' o mais lucrativo negócio de ouro, embora de sangue, para os magnates, os fabri-

cantes de armas, os estelionatários, os industriais da química, os monopolizadores de cereais, os donos do algodão e do "mercado negro". Os "gangsters" para isso valem-se do estado de sítio e, ilusionistas, das "cartas do Atlântico".

Temos ouvido ministros discursarem contra a guerra; porém, jamais lhes ouvimos uma palavrinha contra os preparativos de guerra ou contra a exploração vergonhosa dos vencidos.

Igualdade! — dizem eles! Sim! Temos igualdade; mas, apenas num ponto: o de que tanto ao pobre como ao milionário é proibido furtar um pão. Temos também a liberdade de, entre cinco opiniões políticas, escolher uma.

E' claro que o capitalista não se sente criminoso. Perguntará, sem dúvida: "Onde estão as leis que eu viole?" Como pode ele violar a lei, se a lei foi feita em seu nome e em seu favor? Todas as leis são sofismas. Em vez de exploração, diz-se trabalho pago ou salário; em vez de roubo, usam-se eufemismos: lucro, negócio, imposto, renda, juro, etc. O vírus **capitalismo** envenenou o sangue do povo.

Ora, quando um homem, atacado por bacilos, se recusa a eliminá-los despreza a receita médica e permite a invasão de todo o organismo pelo germe fatal, não se pode dizer que a morte foi causada pelo micróbio. A causa mortis foi a falta de vontade, a negligência na destruição do mal.

Exatamente essa é a situação atual do proletariado. Em vez de torcer os respeitáveis pescoços dos honrados bandidos, açambarcadores de tudo, os trabalhadores aceitam das suas mãos um pão amassado com sangue, suor e lágrimas dos seus irmãos de trabalho e obedecem ridiculamente aos secretários de Deus, acendendo nas igrejas velas bentas para subornar o Todo Poderoso.

"Que havemos de fazer?" — perguntam muitos. "Temos de comer! Nem todos podem ser revolucionários!"

Não és revolucionário? Está bem. Apenas porque não queres. Se quiseres, podes sê-lo. E precisas ser! Precisas ser, porque não é verdade que hajais nascido para escravo! Não é necessário que vivas como animal!

Ora, os anarquistas não querem outra coisa senão ajudar o proletariado a libertar-se do jugo capitalista, dos homens do dinheiro, das guerras, dos opressores de braços e cérebros. Por isso têm os anarquistas lutado tenazmente contra os escribas nacionalistas, os fariseus, os politiquinhos, os padres, contra artistas e escritores que glorificam a escravidão. Pois bem! Esses anarquistas vivem acossados de país em país, de cidade em cidade; são presos, insultados, odiados, fuzilados! São eles os campeões dos princípios humanitários, os vanguardeiros do proletariado; conservam a energia

dos instintos primitivos e jamais desfaleceram, nem desfalecem, na luta contra a tirania.

A liberdade — dizem eles — está constringida e acorrentada pelo Estado, com suas leis, com suas sagradas mentiras, definidas pelos interesses de açambarcadores e esteiadas na tua ignorância, ó proletário!

Basta, proletário, que cruces os braços: "Chega de explorações e roubos! Basta de guerras entre povos, guerras em que nós, o povo, somos os mais sacrificados!"

Que poderiam fazer os cavalheiros do dinheiro e da guerra, sem ti? Sem ti, nem sequer podem viver esses beneméritos cidadãos. Precisam de ti, como peixe precisa d'água. Tu é que não precisas deles. Todas as máquinas parariam se tu cruzasses os braços. Sobre teus ombros assenta a vida e teu **basta!** anularia as ordens dos assassinos e paralisaria os tendões do poder. A qualquer ameaça de guerra deves responder com a greve geral e com a revolução. A guerra deve ser posta fora da lei!

Ao contrário, ajuda-nos tu, a nós, anarquistas, a formar, em vez de nações belicosas, grupos harmoniosos. A usina da humanidade tem trabalho e bem-estar para todos nós. Toda a Terra é nossa mãe e nós, seus filhos, somos iguais.

Diante de ti comparece a Anarquia. Que maravilhosa e grande palavra! A criatura humana, enfim, livre da escravidão, livre da guerra!

A Anarquia é a grande comunidade dos homens, a ressurreição da verdadeira fraternidade, liberdade e igualdade.

Escolhe, companheiro!

Porque me fiz anarquista

POR C. PIRES

Aos vinte anos aproximadamente, depois de haver participado de uma revolução democrática, sentia-me cada vez mais perdido num mundo confuso de idéias, noções e princípios. Nesse labirinto, procurei saber o que era evidente, indagar o que era real ou absoluto. Entre as verdades, as primeiras, as iniciadoras, procurei distinguir os pensamentos, os sentimentos, as crenças: pesá-los, medi-los, examiná-los, verificar a sua autenticidade. Olhando com olhos de ver, indo dos homens às idéias, dos fatos às causas, das palavras aos atos, examinando-me e examinando os demais. De princípio em princípio, algo que me pareceu incontestável se impôs à minha razão: honestamente, sinceramente, resultado de operações críticas, de que o meu espírito foi capaz, cheguei ao comunismo libertário, cuja finalidade, não só não é uma utopia como é a única que o não é. E' um objetivo elevado, equilibrado, positivo e preciso.

Para aqui chegar, desembaraçei-me de idéias feitas, aceitas pela maioria por preguiça ou docilidade, porque os fizeram acreditar, porque ouviram dizer sempre que era assim, que assim havia sido sempre e, conseqüentemente, assim haveria de ser sempre. A razão era fraca, mas para quê reagir? O meu mérito foi o de não deixar-me encantar ou impressionar pelos nomes pomposos com que se mascaram os preconceitos. Repudiei a tradição por nefasta: quer ela se chame a Padeira de Aljubarrota, quer Joana d'Arc. Repudiei-a por vazia. Por funesta. A mais representativa forma da tradição é a escravidão, a servidão (na atualidade, os campos de concentração). Ainda há dias, um homem livre, espanhol, só por sê-lo e pretender sê-lo até ao fim, se suicidou num desses campos da democrática Inglaterra). Tradição é a exploração do homem pelo homem. O que leva os homens a voltar as costas ao futuro: a recuar. Grave enfermidade da sociedade. Passei a desconfiar do que lia e sobretudo dos políticos, dos grandes especialistas e dos pequenos historiadores. Defestei essa tendência abominável de incarnar num homem a doutrina, pura negação da razão. Abandonei a lei divina que me impunham, apesar do "slogan": as massas necessitam de religião. Blasfêmia! Como se as religiões não se destruíssem facilmente sob o exame, pela sua multiplicidade, pela hostilidade recíproca em que vivem, porque absurdas e discurtíveis. Talvez puras nos seus princípios históricos, modificaram-se sob a égide dos seus novos dirigentes; passaram a ser instru-

mento de certas propagandas sociais ou de partidos políticos caracterizados. Reparei que a religião está sempre — sem exceção — ao serviço do bloco mais reacionário. Que é pela volta ao passado, pela simples razão de que se impõe pela autoridade, necessitando, para manter-se, da aceitação cega e da servidão a que chama **ordem**. Porque os seus representantes têm interesse especial e pessoal em conservar os privilégios e as vantagens temporais contrários à libertação dos povos. Pensando assim, sentia-me a caminho da verdade. Ao contrário das religiões, a lei moral fez-me aparecer claramente os eternos axiomas, a noção exata dos três pilares da verdadeira Ordem: primeiro, a Liberdade, sem a qual não podem existir a segunda, a Igualdade, nem a terceira, a Fraternidade. A lei moral mostrou-me quão absurdo é pretender que um indivíduo tem mais direitos que outro, ou atribuir ao nascimento, à cor ou à fortuna um privilégio de dominação. Quão criminoso é fazer prevalecer no Universo pequenos interesses de uma pessoa ou, mesmo, de uma coletividade restrita, em detrimento de uma coletividade maior e, pior ainda, em detrimento do Todo.

Contra outra lepra da Humanidade reagiu: contra o nacionalismo, que, malfadadamente, hoje como ontem, ainda estende os seus tentáculos sobre o mundo. Rasteiramente, hipócritamente, aparece-nos em duas formas difíceis de abater: militarismo e patriotismo. Ambos contrários à liberdade, à solidariedade humana, à fraternidade universal; fatores terríveis de guerra perene, com seu macabro cortejo de ruínas, fome e cadáveres. Amar o nosso rincão, adorar o nosso país — sim, mas colocá-lo acima da justiça e da moral — isso não. Assim como não temos o direito de dizer "Primeiro eu!", assim também não podemos conscientemente dizer: — "Primeiro o meu país!" Assim como todos os homens devem ser iguais, deverão sê-lo, não as nações, que são agrupamentos políticos, ou produto da rapina dos senhores, mas os agrupamentos étnicos os povos! A melhor, a mais sã forma de sermos patriotas é lutando ferozmente, continuamente, pela implantação total, na nossa grande Pátria Planetária, da bela trilogia: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Por este ideal, juntei-me aos que me parece melhor o interpretam e por ele melhor se batem: os comunistas libertários, ou sejam — já não me assusta hoje esta palavra — os anarquistas.

Um Refúgio de Incapazes

POR FERREIRA DA SILVA

Seria injusto negar inteligência ou atividade aos indivíduos que se dedicam ao comércio, essa função parasitária que absorve tão grande percentagem de energias do organismo coletivo. De fato, o comerciante há-de ter pelo menos habilidade para insinuar-se na venda de mercadoria, convencendo ou conquistando o freguês; exige-se dele também uma certa dose de discernimento, cálculo e conhecimento de preços, afim de ganhar o mais possível. Tudo isso é inteligência, mas não precisa de ser inteligência muito aguda ou profunda. Quanto a atividade, trabalhar, no sentido de movimentar-se, quer seja entregando, acondicionando, ou arrumando os artigos do seu comércio, o mercador realmente trabalha, como diz quando quer justificar avaramente os lucros obtidos pela operação de comprar e vender.

Nós temos porém uma idéia diferente do que seja trabalho. A atividade do indivíduo deve ser produtiva, isto é, deve constituir uma ação necessária, da qual resultem benefícios para a coletividade.

Trabalho é o do operário que constrói, do artífice que fabrica, do agricultor que cultiva.

Trabalho é o do engenheiro que edifica, do professor que ensina, do sábio que investiga.

Trabalho é o do artista que cria, do escritor que educa, do jornalista que informa.

Trabalho não é a faina diária, ainda que fatigante, do vendeiro atrás do balcão, do especulador da bolsa, do intermediário de negócios.

Para montar uma loja de bugigangas, uma tenda de merceiro ou uma taberna, não se exigem qualidades morais, intelectualidade ou capacidade física. Basta saber que tal artigo custou tanto e deve ser vendido por mais tanto. No fim do ano, nem sequer há necessidade de balanço feito por técnicos de contabilidade; o que sobrar no cofre é lucro.

A parte inteligente do excessivo número de homens que se dedicam ao comércio não salva a classe. Ela vem a ser sempre, além de tudo o mais, um refúgio de incapazes.

Que o diga principalmente quem observa os centros urbanos de países de imigração. O elemento humano que aí chega vem geralmente com a preocupação de encontrar um meio de melhorar as suas próprias condições econômicas. Se encarreira para a indústria, para as profissões manuais, para a agricultura, enriquece o país novo e contribui para o seu progresso. Mas não faz fortuna.

Para fazer fortuna, entre os muitos processos do sistema capitalista, é necessário especular, ou lançar-se em grandes empresas, ou ter qualidades excepcionais de iniciativa e rasgo pessoal. O imigrante rude, sem instrução e sem conhecimentos técnicos, destina-se ao trabalho braçal, escassamente remunerado. Há tentações que lhe acenam com outros meios de fazer dinheiro. Não são meios desonestos, no conceito burguês. A honestidade é sempre relativa e condicional. Por exemplo, o negociante que vende atrás do balcão, pagando licenças e impostos, por mais que roube no preço e no peso é um comerciante honesto; aquele porém que, sem capital para se estabelecer, tenta vender um punhado de coisas na esquina da rua, ainda que as venda mais barato, se não tem licença, faz concorrência desleal, é portanto desonesto e a polícia persegue-o, tira-lhe a mercadoria sem a menor cerimônia e acaba metendo-o na cadeia, se for preciso. Ora, diz-se que a cadeia é para os ladrões. Aí está um uso exíguo que dela fazem.

As tentações levam o imigrante incapaz de "vencer na vida", como dizem, por meios produtivos, a meter-se nos negócios que acabam tomando vulto e, por fim lhe dão fortuna. Ainda que seja a roubalheira descarada da féria dos trabalhadores nos gêneros de primeira necessidade. Ainda que seja a sordida exploração dos copinhos de cachaça em tendas de arrabalde. Ainda que seja a traficância das "casas de cómodos", á custa das necessidades de habitação de uma população sem conforto e sem amparo.

Quem não souber fazer mais nada saberá sempre comerciar. E' a esperteza salaia de viver á custa do suor alheio. Um parasitismo que envergonha a sociedade. Um parasitismo que tem de acabar. Que há-de acabar, mudando-se o sistema de distribuição.

LIVROS NOSSOS

"Em volta de uma vida", Kropótkine — 40,00

"Idéias absolutistas no socialismo", Rodolfo Rocker — 18,00

A venda nesta Redação. Juntar mais 10% para despesas de correio.

EM BREVE APARECERÁ:

Em livro:

"O Anarquismo ao alcance de todos", de José

Oiticica, publicado em folhetins neste jornal.

"A PLEBE"

Redação e administração: rua José Bonifácio, 387, 1.º, sala 10 — S. Paulo

Correspondência para: Caixa Postal 5739 — S. Paulo.

"AÇÃO DIRETA"

Redação: rua Buenos Aires, 147-A, 20 — Rio.

Um e outro encontra-se à venda nas bancas principais.

Por um Sindicalismo Revolucionário

Ação Direta

POR QUETZAL

Quando falamos de "ação direta", surge automaticamente a figura do dinamiteiro. E' que a burguesia e o Estado e todos os seus aliados procuram inculcar na mente do povo que os anarquistas pregamos a ação direta porque somos terroristas. Entretanto, poderíamos afirmar que os verdadeiros terroristas não somos nós, os anarquistas, e sim os que possuem exércitos, provocam guerras e fomentam a investigação científica de toda classe de armas para massacrar a humanidade e perpetuar o sistema social de injustiça no qual vivemos. Poderíamos citar dezenas de nomes de anarquistas que repudiaram a violência como meio de luta para a transformação da sociedade. Nosso propósito, porém, não é o de defender-nos das calúnias dos que pretendem, por sua torpeza mental, manter o sistema de exploração do homem pelo homem, e sim o de defender a "ação direta" como norma de conduta para que os trabalhadores possamos emancipar-nos da exploração de que somos vítimas.

Pregamos a ação direta porque esta afirma a capacidade do trabalhador, dá-lhe noção do seu estado de classe oprimida e deserdada, exalta a sua mentalidade e imprime no seu espírito desejos de conquistas integrais e definitivas.

"Ação direta" significa a "relação direta" entre os sindicatos e os patrões, sem interferência do Estado ou de qualquer outro organismo. Quando uma assembléa sindical resolve reivindicar uma melhoria econômica ou moral, deve a comissão do sindicato dirigir-se "diretamente" aos patrões, sem tomar conhecimento, sequer, da existência do Ministério do Trabalho, pois se recorrermos ao referido Ministério veremos que as nossas aspirações, por mais justas, serão imediatamente atraídas para o lado da burocracia.

Para enganar e desviar os sindicatos de sua verdadeira rota foi que o Estado, que é o defensor intransigente do sistema capitalista, criou o Ministério do Trabalho. Devemos, pois, os trabalhadores imprimir aos sindicatos a norma de con-

dução de "ação direta", seja nas reivindicações que tenhamos de pleitear à classe patronal, ou na autonomia sindical, que devemos reivindicar, para anular a interferência nefasta do Estado. Os sindicatos não devem limitar sua esfera de luta a conquistas de caráter econômico; devem ser uma arma e uma escola de capacitação para a classe trabalhadora reivindicar sua completa emancipação; e seria ilusório crer que por meio de um organismo de parasitas, como é o Ministério do Trabalho, os trabalhadores conseguiriam, alguma vez, a sua emancipação.

Como dissemos acima, os sindicatos não podem limitar a sua ação às reivindicações de caráter econômico; se assim o fizerem transformar-se-ão em organismos estéreis. O capitalismo e o Estado possuem meios para neutralizar tais reivindicações; basta aumentar o preço das mercadorias e toda luta mantida pela organização sindical tornar-se-á inútil. O principal objetivo dos sindicatos deve ser o de transformar a sociedade capitalista e estatal numa sociedade de produtores livres, onde os políticos, qualquer que seja o partido a que pertençam, nada tenham que prometer e onde, se quiserem fruir os benefícios da coletividade, em vez de mendigar um voto para irem à Câmara ou ao Senado, terão de transformar-se em homens úteis, e os que pretendem ser ditadores terão de fazer o mesmo, pois de contrário estarão sobrando num meio social que para nada necessitará de redentores.

Para que os sindicatos possam ser, na realidade, uma escola de capacitação e uma arma de luta da classe trabalhadora, deverá acostumar-se esta a agir diretamente, isto é, sem interferência de terceiros, para que nos eduquemos os trabalhadores e compreendamos, de uma vez por todas, que para nada necessitamos dos parasitas que nos exploram e que poderemos organizar uma sociedade onde haja um perfeito equilíbrio entre a produção e o consumo.

Imagem de Portugal

O DEPOIMENTO DE UM INTELLECTUAL ACERCA DAS BELEZAS DO "PARAÍSO" FASCISTA DE SALAZAR

O trecho seguinte é de uma carta recenrecebida de Portugal, por um amigo nosso, de um antigo oficial do exército português, que é, ao mesmo tempo, um intelectual de fama, escritor e professor, cujo nome por motivos de todos compreensíveis omitimos:

"... Pelos retratos em que o meu amigo é reproduzido, vejo que os dez anos lhe não modificaram grandemente o aspecto. Eu é que me sinto envelhecer em todos os sentidos. O cabelo todo branco, meio careca e com o físico arrombado, apesar de certo aspecto de robustez enganosa. A "vil e apagada tristeza" e expectativa torturante, em que ha anos se vive por aqui, têm-me transformado, por via do isolamento e da impossibilidade de vida dinâmica, num ser inútil, ora desorientado, ora cético, sem atinar com o rumo a seguir, nem com uma atividade digna de nela me absorver, para não ver nem ouvir o que só nos deprime e que mais e mais nos envolve e sufoca.

Passo dias e dias, estupidamente, sem nada produzir de confortante ou de construtivo. As preocupações de família, a tragédia da economia caseira, com um desequilíbrio constante entre as receitas e as despesas, a ver constantemente subirem os preços dos gêneros alimentícios e outros artigos de primeira necessidade, as dificuldades para fazer singrar os filhos na vida, etc., não nos

dão margem à necessária serenidade de espírito para encararmos, com otimismo e paciência, o meio e a atmosfera em que temos de viver... usque tandem...

Com a censura, com as constantes violações da correspondência e todos os meios que o jesuitismo e o fascismo (dois termos que designam a mesma entidade) inventaram e que por aqui continuam em ação, bem pode o meu amigo calcular o que é a vida de quem se conserva idealista, inconformista, ou simplesmente preza a sua integridade moral. A única defesa está num isolamento e numa heroica abstração do que se passa a nosso lado — isto é, em ser-se como um estrangeiro no próprio país natal, ou talvez pior, porque se conhece a verdade, se continua atrelado a deveres, mas sem se ter direitos.

Às vezes, procuro até burrificar-me ou vegetar: somente comer, dormir, repousar e nada mais. A Reação fradesca força-nos quase que a abdicar da faculdade de raciocinar. Leio pouco ou destrambelhadamente. Penso frequentemente: valerá, porventura, a pena, estudar algum problema, cultivar alguma arte com entusiasmo, com a esperança de fazer algo de humano em terreno cada vez mais enfeudado a padres e militares? De escrever vai-se perdendo o hábito, sempre com o espetro da censura diante de nós. Uma simples carta é já para mim empresa superior à minha capacidade de dissimulação ou de criptografia. Por isso, vou restringindo tudo. Esta é uma excepção para você. Vai à sorte!"

Palavras de um Pracinha

POR P. BORELLI

Nós, jovens que sulcamos os oceanos, coagidos por circunstâncias várias, podemos e devemos descrever o quanto de sacrifício e de humilhação a que estão submetidos os povos pela tirania dos invasores, guiados pelo sentimento patriótico gerado pela estupidez de uma minoria de homens sem escrúpulos morais, que dão origem às guerras, para satisfação das suas aspirações de domínio e dos seus recalques psíquicos.

Ser indiferente àquilo em que se foi envolvido — é egoísmo, vingança ou covardia. E' preciso despertar e saber que o militarismo é uma instituição só necessária à burguesia, possuidora de um capital a defender, e que o soldado é apenas um fantoche humano, condição a que não se deve submeter e da qual deve emancipar-se sempre alerta ao brado de revolta, para unir-se contra os caudilhos, ao lado do povo, do qual todos somos filhos.

E para este objetivo, após cinco lustros de fogueira fascista, ressurgem os remanescentes do espírito de Malatesta e Mateotti, acendendo novos fochos de luz para o porvir.

Dos quatro pontos cardiais sente-se a ânsia de lutar por algo novo e promissor.

No Brasil, apesar da ditadura getuliana, começam a palpitar as manifestações de reconstrução do proletariado. Esse é o ansiar dos povos, que se preparam, há séculos, para a última guerra, a guerra contra todas as injustiças sociais, a guerra por uma educação nova, sem preconceitos de raça, sem diferença de classes.

Essa guerra será declarada quando os trabalhadores se unirem sob a única bandeira, a da Liberdade, em defesa da única pátria — o Universo. Só então teremos a Paz de que tanto a humanidade necessita e por que tanto almeja!

NÃO APOIADO!

PELO DR SATAN



"A civilização está ameaçada de perecer, por falta de religião" — sentença, num dos órgãos do vaticанизmo indígena, monsenhor Lula.

— As religiões, reverendo marisco, nunca foram instrumento de civilização ou de progresso, mas de embrutecimento, estagnação e miséria. Elas são como os pirilampus: só brilham na escuridão.

"O pior mal da nossa época é uma alarmante falta de piedade, uma apavorante crise de fé, dessa piedade e dessa fé que convertem os homens em anjos" — acrescenta o referido sacerdote.

— Efetivamente, os maiores "anjinhos" da História, desde S. Paulo até Hitler, Franco e Salazar, passando pelos Bórgias, Sto. Inácio de Loyola, Torquemada e Carlos 5.º, foram todos muitíssimo "piedosos". Não cometiam um crime sem que, antes, engulissem, inteirinho, o corpo de Nosso Senhor, com tripas e tudo. Por detrás de cada um desses santos varões, colocou sempre a Igreja um padre, que os absolveu, e, à sua frente, um livro que os ensinou.

"Continua sendo objeto de estudo o caso de Deusina, a jovem residente em Niterói, que ha dez anos não ingere qualquer alimento e, todavia, trabalha normalmente. A patroa diz que nunca teve melhor empregada".

— Pude! Trabalhar sem comer! Tomaram os patrões que todos os empregados fôssem como esta! Quanto à Igreja, tal como fez com S. Benedito, o tal que não comia e andava gordito, pode ela, desde já, inscrever no seu agiologio o nome de mais uma taumaturga: o de Sta. Deusina de Niterói.

"Os trabalhadores temos de preparar-nos para defender a nossa pátria contra os tentáculos do imperialismo ianqui" — concitam, no órgão nazisoviético local, pobres filhos espíritos de Karl Marx.

— Os trabalhadores não têm pátria, pois a burguesia despojou-os de tudo. As pátrias, incluindo a de Stálin, pertencem a quadrilhas de larápios, que se arrogam o direito de dispor da liberdade e da vida de todos nós. Não importa saber — venha Deus e escolha! — se esses larápios são ianquis, russos, chinos ou brasileiros. O que importa é cortar as unhas a todos eles, bem rente e de uma vez para sempre.

"O anarquismo é uma utopia" — proclamam os filhos ilegítimos de Karl Marx no órgão nazisoviético.

— A utopia é o ponto-de-partida de todo progresso e o germe de um melhor futuro. As utopias de ontem são as realidades de hoje, do mesmo modo que as utopias amaldiçoadas e escarnecidas de hoje serão as realidades fecundas e belas de amanhã. Sem os utopistas de outrora, viveríeis ainda miseráveis e nus nas cavernas e não poderíeis ver hoje impressas em letra redonda as tolices que fermentam no vosso bestunto.

"E' necessário que o Estado crie condições de uma vida mais digna para o povo brasileiro!" — mendiga o órgão do messianismo prestista.

— Para que o povo possa conhecer uma vida mais digna, é indispensável, antes de mais nada, aniquilar a hidra do Estado, o inimigo público n.º 1, o sustentáculo de todas as iniquidades. Mas isso não o fará nenhum Messias. Só o povo mesmo!

"Foi condecorado pelo nosso Governo o sr. Jorge Dodsworth".
— Pelo modo como as condecorações se multiplicam, é de prever que breve chegará o momento em que será uma distinção não usar qualquer distinção.

"As últimas estatísticas mostram que o agravamento da miséria do povo brasileiro tem acompanhado a elevação dos impostos".

— Que descoberta! Tem sido assim desde que no mundo apareceram a propriedade privada e seu irmão gêmeo, o Estado. Já, alguns séculos antes de Cristo, o filósofo chinês Lao-Tseo assinalava: "O povo tem fome porque o Governo devora a maior parte dos impostos".

"... o ladrão recenseado da prisão e surpreendido no banheiro da casa do ex-presidente Artur Bernardes tentou reagir e foi baleado".

— O cristianismo, na sua cega idolatria por uma alma hipotética, sempre desprezou o corpo e a higiene corporal. O sr. Bernardes, acolhendo com tamanha falta de hospitalidade — que diferença entre a sua atitude e a do bom bispo dos "Miseráveis" de Vitor Hugo! — um pobre-diabo sem eira, nem beira, nem banheira, que pretendia lavar-se no seu luxuoso palácio da rua Valparaizo, bem provou ser o grandecíssimo cristão, que todos conhecemos.

"O padre eslovaco Rodolph Dilongo, de passagem no Rio para Buenos Aires, descreve as misérias e as crueldades que contemplou na Rússia, onde esteve como capelão, durante a guerra".

— Que autoridade tem um discípulo de S. Domingos e Torquemada para condenar a Soviética, justamente o país de que a Igreja mais deveria ufanar-se por ser aquele onde melhor frutificaram as idéias de intolerância que o catolicismo semeou no mundo?! Porventura o materialístico "Paraíso Soviético" é menos confortável que os catolicísimos "Paraísos" de Franco e de Salazar?

"O box é o mais nobre dos esportes" — escreve um energúmeno qualquer em "O Jornal".

— O box! Eu conheço a sua genealogia! Ele representa a vingança de certos homens contra a Natureza, por esta os não haver dotado com os elementos necessários para o coice.

"Caiu ontem chuva de ouro também na rua de Itapagipe...".
— Quando cairá uma chuva de picaretas, que reduza a cacos esta sociedade imbecil?

"AÇÃO DIRETA"

BALANCETE DE JULHO DE 1947

RECEITA

Contribuições do Rio de Janeiro — Oitica, 500; Raimundo, 300; Samuel, 200; Sá, 100; Germinal, 100; Costa, 100; Consuelo, 140; Cascardo, 50; Diamantino, 50; Ideal, 50; F. da Silva, 50; J. P. Gonçalves, 50; A. Correia, 50; Correia A., 40; Maurício, 40; Nobrega, 38; Adelino, 20; Remigio, 20; Esteves, 20; Vicente, 20; Anônimo, 8 — Do Rio Grande do Sul — F. Kniested, 200. — De Campinas — Pesagno, 200. — Total: Cr\$ 2.346,00 — Saldo de Junho: 1.422,80 — Total da receita: 3.768,80.

DESPESA

Composição, impressão e papel do n.º 38, Cr\$ 2.100,00; papel do n.º 37, Cr\$ 329,00; Composição paga em Niterói, 129,60; Correspondência e/interior e exterior, expedição e gastos de administração, Cr\$ 140,70; Total da despesa: Cr\$ 2.699,30.

Receita: Cr\$ 3.768,80
Despesa: Cr\$ 2.699,30
Saldo para Agosto: Cr\$ 1.069,50

Emissora Nazista no Brasil

A "MAYRINK VEIGA" E OS SEUS
"ECOS DA ESPANHA"

Por MANOEL PERES

Já antes de terminar a grande guerra, muita gente afirmava que a Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, se não estava totalmente ao serviço do fascismo, defendia, pelo menos, a causa de Hitler e de Mussolini, fazendo, ao mesmo tempo, a apologia do regime instaurado na Espanha pelo fatídico Franco.

A princípio, eu não queria dar crédito a tais rumores, principalmente quando ouvia as arengas patrióticas dos seus locutores, e, mais ainda, após os torpedamentos dos navios brasileiros, em consequência dos quais morreram tragicamente centenas de mulheres e crianças, que, por ironia do destino, nasceram na mesma terra em que viu a luz do dia o sr. Cesar Ladeira, o que naturalmente devia provocar a repulsa desse fogoso propagandista de rádio. Logicamente — pensava eu — tanto o sr. Cesar Ladeira, como os seus colegas da "Mayrink Veiga", devia odiar profundamente o regime franquista, provado como foi que eram os navios espanhóis, entre eles o "Cabo de Hornos" e o "Cabo de Buena Esperanza", os que forneciam gasolina às unidades submarinas do Eixo.

UM ESPÍAO DA FALANGE ESPAÑOLA AO MICROFONE

Aos sábados, como insulto supremo aos sentimentos generosos do nosso povo, a Rádio Mayrink Veiga irradia um programa que tem por título "Ecos da Espanha" e cujo principal objectivo consiste em defender o regime ditatorial do caudilho Franco, homem funesto que tem sobre a sua consciência o crime de haver feito derramar rios de sangue generoso de mais de um milhão de espanhóis que ele mandou assassinar pelas hordas sinistras da Falange. Durante a irradiação, aparece ao microfone um indivíduo cujo nome o público ignora e que se intitula a si mesmo "Amigo Espanhol". Esse indivíduo, que é naturalmente um emissário da Embaixada franquista, ou um dos muitos espíões que a Falange fez distribuir pelo continente americano, ajuda os locutores na sua tarefa de elogiar a obra grandiosa do Caudilho Franco.

Numa das últimas irradiações, afirmou com inaudito desdoro o locutor da "Mayrink Veiga", que Franco jamais recebera apoio das potências do Eixo nem prestou o seu concurso a Hitler e Mussolini no decurso da guerra

que estes monstros provocaram e que custou à humanidade mais de cinquenta milhões de vítimas.

Vou refrescar a memória do sr. Cesar Ladeira, a quem repto para que desminta publicamente as minhas afirmações, pois, se necessário for, estou disposto a acudir à tribuna pública para confirmar com provas quanto digo nesta crônica. Vejamos:

Em Maio de 1936, o general Sanjurjo visitou Hitler em Berstergaden com o coronel Beigbeder, adido da Embaixada da Espanha em Berlim, ao mesmo tempo que José Antonio Primo de Rivera, fundador da Falange Espanhola, se entrevistava com Mussolini em Roma, a-fim-de combinarem com ambos os ditadores o apoio a prestar aos fascistas espanhóis no seu golpe traigoeiro contra as liberdades do povo ibérico.

Existem provas inofismáveis desta intervenção e ninguém desconhece no mundo que a aviação franquista, que massacrava cruelmente as crianças da Espanha, era de origem italo-alemã, da mesma forma que ninguém ignora que unidades regulares dos exércitos italiano e alemão combateram ao lado das "bandeiras" da Falange, entre elas a "Legião Condor", alemã, e as divisões "Littorio" e "Flexas Negras", ambas italianas e comandadas pelos generais fascistas Gambará e Bergonzoli.

Eu, que participei diretamente da guerra espanhola, combatendo ao lado dos milicianos contra as hordas franquistas, fui preso no dia 29 de março de 1939, no porto de Alicante (Espanha), pelos soldados italianos da "Littorio". Em Novembro de 1940, estando eu preso em Madrid, li nos jornais da capital espanhola que esta cidade recebera a visita do famigerado Himler, o homem de confiança de

Hitler, que ali acudira para assistir a um desfile das forças de assalto franquista, organizadas por técnicos alemães.

Depois desta visita e em plena guerra mundial, Franco teve uma entrevista com Hitler na cidade francesa de Hendaya, então ocupada pelos alemães e, mais tarde, manteve outra com Mussolini na cidade italiana de Bordighera. Quanto à afirmação da "Mayrink Veiga", no seu programa, de que Franco não permitiu que os alemães ocupassem a Espanha, isso é pura comédia, pois se o território não foi ocupado é porque essa operação era muito perigosa e requeria muita gente o estabelecimento de uma nova frente ao longo do litoral mediterrâneo.

A COMÉDIA DA INFLUÊNCIA COMUNISTA NA ESPANHA

Outra mentira, aliás repetida continuamente pelos defensores do regime fascista, é que a sublevação franquista surgiu como medida de salvação nacional a-fim-de fazer frente à Revolução Comunista e defender os princípios cristãos.

Já vimos como Franco defendeu seus princípios cristãos, permitindo que os aviões alemães destruíssem, com suas bombas, a igreja de Durango e ordenando o fuzilamento de mais de 300 padres, que não quiseram prestar seu apoio à sublevação.

Sobre a influência moscovita, posso afirmar categoricamente que na Espanha nunca houve revolução comunista, e não houve porque o comunismo, tal como é interpretado pelos partidários de Moscou, jamais teve influência entre o povo espanhol, porque este, de temperamento profundamente indivi-

dualista, foi sempre contrário a toda ditadura, seja ela exercida por um Hitler, um Mussolini, ou um Stálin sob o pomposo nome de ditadura-do-proletariado.

Quanto à intervenção armada russa, é também outra comédia, pois entre os milicianos espanhóis não existia um único soldado russo e, se a Rússia vendeu alguns tanques e aviões ao Governo da República Espanhola, como o fizeram igualmente a França e a Checoslovaquia, esse material foi pago a péso de ouro e, quando Stálin compreendeu que seria difícil impor à Espanha a sua influência política, fez o que fizeram as chamadas democracias da Europa: abandonou aquele povo a sua própria sorte sem pensar que o triunfo do fascismo na Península Ibérica poria em perigo a liberdade de todos os povos da Europa.

Para se verificar que o comunismo jamais teve prestígio na vida política e social da Espanha, basta recordar-se que, até fevereiro de 1936, no parlamento da República Espanhola, que contava com mais de 300 membros, só existia um deputado comunista: o dr. Cayetano Bolívar, médico de Malaga. Nas eleições de 16 de Fevereiro de 1936, o Partido Comunista conseguiu 15 deputados, não pelo seu próprio prestígio, mas sim porque a Coligação Republicano-Socialista, aproveitando a chamada lei das minorias, os incluiu nas listas dos seus candidatos.

Socialmente, ainda era menor a influência comunista na Espanha, pois jamais puderam os moscovitios controlar nenhum sindicato operário, já que os trabalhadores estavam organizados em duas grandes centrais sindicais, ambas anti-bolxevistas: a Confederação Nacional del Trabajo, de

orientação libertaria, e a Unión General de Trabajadores, de tendência socialista. Logo o mito comunista é uma farsa para desvirtuar o significado de um povo, que soube defender, como nenhum outro jamais o fez no mundo, a sua liberdade contra as hordas brutais do fascismo.

O PLEBISCITO DE FRANCO

O chamado "amigo espanhol" — amigo da onça! — diz que o plebiscito de Franco foi um triunfo rotundo para o "caudilho", que conseguiu nada menos de quinze milhões de votos.

Vou explicar aos leitores o que representa o já famoso plebiscito. Vejamos: Franco decidiu que a Espanha não será mais uma república ou outro regime qualquer, e sim uma monarquia sem rei, sendo ele o regente do trono com direito a nomear, quando entender, o monarca, que pode ser ele mesmo!

Aprovada a lei pelo seu parlamento, decidiram, para dar-lhe valor no âmbito internacional, submetê-la a um plebiscito com as seguintes condições: Sim — equivalia a aceitar a monarquia e a regência de Franco; Não — era não estar de acordo com a monarquia e sim com a permanência de Franco no poder, como caudilho supremo; votar em branco — era, de acordo com a lei, dizer que sim. (O mesmo processo das eleições na Rússia de Stálin e no Portugal de Salazar!).

Por conseguinte, meus amigos, Sim, Não e voto em branco equivaliam a uma coisa: aceitar a tirania franquista, e, como o povo foi obrigado a acudir às urnas, a maioria votou Sim como votaria Não, já que, no fim, o resultado matemático seria o mesmo: FRANCO...

Esta é a democracia que defendeis nos vossos "Ecos da Espanha", srs. da Mayrink Veiga, democracia que leva, agora mesmo, aos tribunais falangistas, 4 jovens de 19 anos e uma moça de 25 anos, para os quais a Justiça franquista pede a pena de morte!

Quanta vergonha!... O que é de espantar é que ainda existam, no Rio de Janeiro, pessoas que liguem para a Mayrink Veiga, afim de ouvirem a voz brutal da tirania franquista, pela voz de um homem... Não, não pode ser homem quem comete tal felonial

O 19 de Julho em São Paulo

Comemorou-se condignamente em S. Paulo a data histórica da Revolução Espanhola. Constatou a comemoração, a que esteve presente grande assistência, de uma sessão solene, seguida de um programa artístico.

Na primeira, falaram o nosso camarada Serafim Porto, diretor de "Ação Direta", que abriu o ato e dissertou sobre o significado histórico e social do movimento de Espanha, procurando traduzir o sentimento dos camaradas do Rio, e um companheiro espanhol, de passagem por S. Paulo, que, havendo tomado parte ativa na luta de Espanha, disse do que viu e do que pensava da epopeia grandiosa do proletariado espanhol.

A parte artística iniciou-se com a peça "A Madrid!", da lavra do nosso camarada Pedro Catalá, que alcançou pleno êxito, e terminou com números variados de sumo agrado. A todos deixou grata impressão um casal de crianças, filhos de um falecido camarada, que se houveram com grande brilho, na sua representação de um papel de caipiras.

A ordem capitalista, com o antagonismo dos interesses entre as nações, conduz-nos fatalmente a novas e cada vez mais terríveis carnificinas guerreiras.
E. Malatesta

Nós, que somos anarquistas, devemos ficar anarquistas e agir como tal, antes, durante e depois da Revolução.
E. Malatesta

A Voz da F. O. R. A.

OPONHAMO-NOS COM FIRMEZA AO AVANÇO REACIONÁRIO NO CAMPO
DAS ORGANIZAÇÕES OPERÁRIAS!

Da Federação Operária Regional Argentina recebemos o seguinte manifesto:

"Grave ameaça pesa sobre as organizações operárias do País, que ainda conservam intatos os princípios da auto-determinação. Estamos em vésperas de perder conquistas fundamentais no terreno do direito operário. Uma reação estatal, desenvolvida de maneira sistemática e inteligente e destinada a calcar a pés os direitos de agremiação, de reunião e de greve, está tomando corpo diante da indiferença dos trabalhadores, que vão atrás de uma enganadora justiça social. A armadilha de mentidas melhoras econômicas que deixam de existir pela consequência imediata do crescente custo de vida, tem cegado o proletariado do País.

Entra-se assim no perigoso caminho que tanto convém ao Capitalismo e ao Estado, e não se compreende como se perde a Liberdade e se comprometem todas as conquistas de ordem moral e material, supondo-se que se progride no terreno econômico. Sem liberdade, vivem os povos de joelhos, sem possibilidade alguma de novas conquistas. A resignada submissão ativa as crises morais e econômicas, porque faz secar as mais puras fontes da dignidade, a rebeldia e a solidariedade proletária.

As forças obreiras, que ainda resistem à ação corruptora do paternalismo oficial, estão expostas a uma perseguição desapiadada. Greves que não podem ser exploradas politicamente são estranguladas sem o mínimo escrúpulo. Do Cegetismo oficial e traidor surgem turvos horizontes, enquanto a Secretaria do Trabalho e Previsão dispõe, de acordo com as suas conveniências políticas, sobre a "legalidade" dos conflitos obreiros, cria organismos paralelos, impede o exercício das greves e fecha organizações proletárias.

O Conselho Federal da F. O. R. A., afim de concretizar estas acusações, denuncia, perante a opinião pública, as seguintes arbitrariedades: A organização dos trabalhadores portuários de Villa Constitución (Província de Santa Fé) está fechada desde 1943. No porto de Rosário apreenderam-se as carteiras de trabalho dos estivadores da F. O. R. A. Em São Martin (Província de Buenos Aires), mantém-se fechada, desde o mês de Dezembro de 1946, a organização dos padeiros; declarou-se ilegal uma greve por melhorias econômicas e favoreceu-se, oficialmente, uma organização dirigida. Em São Miguel (Província de Buenos Aires), fechou-se a organização dos padeiros pelo "delito" de adesão à F. O. R. A., já que não existe nenhum conflito operário. Os trabalhadores oleiros autônomos de Matanzas (Província de Buenos Aires), têm a sua Secretaria fechada desde há seis meses. Foi declarada ilegal a greve

dos condutores de carros (autônomos) e presos alguns grevistas, apesar do que triunfou a greve. No porto da Capital, por se oporem os trabalhadores a um decreto governamental, que condena à fome a milhares de trabalhadores, e pretender-se o controle pela organização oficialista, declarou-se a greve ilegal e se ameaçou com a cassação das carteiras de trabalho, como em Rosário. Os trabalhadores de Construção Naval tiveram de sustentar uma greve magnífica de 110 dias para repelirem a intervenção estatal. Triunfaram, apesar da "ilegalidade", porque não lhes faltou o espírito de sacrifício e de luta.

Não é, pois, somente contra o movimento da F. O. R. A. que se dirige o ataque da reação. E' contra todo o movimento operário que não se submete à direção estatal. Poder-se-iam citar inúmeras greves em todo o País, das quais se destaca, por sua repercussão, a dos trabalhadores municipais, contra quem se esgotaram as medidas de intimidação e as perseguições que denunciamos.

As limitações, públicas e notórias, do direito de livre associação e de greve, patenteiam uma situação de graves perspectivas. Se os homens e as organizações de trabalhadores, que ainda resistem ao "mimoso" indigno do Estado e que ainda não perderam o sentimento de liberdade, permanecerem insensíveis e cegos ante o sombrio panorama social do País, será grave e terrível a sua responsabilidade histórica.

Assinalando o perigo, cumpre anulá-lo. Resistência ativa e permanente! Nada de atitudes vacilantes ou contraditórias nas vontades individuais ou coletivas dispostas a sacrifício! Defesa consciente e perseverante de todas as conquistas operárias e sociais! Esclareçamos diariamente o povo, arrancando a máscara aos traidores, aos burocratas sindicais e a todos os aventureiros dos meios trabalhadores!

Converta-se cada lugar de trabalho, cada assembléia operária, em barricada da Liberdade, repelindo-se a infiltração política e estatal! Defendam-se e fortaleçam-se os organismos mais combativos do proletariado organizado, pugnando-se por sua adesão à F. O. R. A.!

Nesta luta de recuperação moral, a F. O. R. A. atuará com a firmeza e a pureza de conduta que a caracterizam, disposta a cair com dignidade antes de aceitar uma renúncia vergonhosa dos seus objetivos e segura de ser ouvida e bem interpretada por todos os trabalhadores conscientes do País.

Buenos Aires, Julho de 1947.

O Conselho Federal da Federação
Operária Regional Argentina".

Apeles e o General

Todos conhecem a história do grande pintor grego da antiguidade, Apeles. Escondia-se detrás dos seus quadros expostos ao público e procurava ouvir as críticas que lhe faziam. Certa vez, notando um sapateiro que o pintor havia emendado o quadro, num pormenor de sapatos, por causa de uma crítica que havia feito com a autoridade que lhe dava a sua profissão, achou de tentar novo reparo, agora, porém, em assunto que lhe era estranho.

Indignado, saiu Apeles do seu esconderijo e gritou: — Não vá o sapateiro além dos sapatos! Era da mesma opinião o general San Martin, quando disse: "O melhor militar seria o pior presidente da República, porque confundiria a Nação com um quartel".

Não acham que o general tinha razão?

A sociedade é regida por leis imanescentes, necessárias, imutáveis, como todas as leis naturais. Não existe um pacto social, mas sim uma lei social.

Que é, pois, o Estado? — Uma superestrutura, que vive à custa do corpo social, sem outro fim que não seja organizar e manter a exploração dos trabalhadores. Porisso nós queremos destruí-lo. E se nos perguntardes como se organizará, depois, a sociedade, a resposta será esta: não podemos sabê-lo; desconfiamos de todas as soluções utópicas; não queremos o socialismo de Marx, artificial, fantástico, anti-científico, de gabinete. Combatê-lo-emos, por ser reacionário. O nosso único intento é destruir o Estado, para que se realizem os destinos da humanidade pelo funcionamento livre e fecundo das leis naturais.
E. Malatesta

Políticos, padres e militares — eis os inimigos do povo!

E. Malatesta